

“ERA UMA VEZ...”: CONTOS DE FADAS ASSOCIADOS À LUDICIDADE, À FANTASIA E À IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela Rodrigues da Silva

Prof. Ma. Maria Betânia de Castro Nunes Santos

Faculdade Adventista de Minas Gerais

RESUMO

Os livros são ferramentas pedagógicas essenciais para o desenvolvimento da didática e metodologia do professor. E os contos de fadas associados à ludicidade propiciam acontecimentos marcantes para a Educação Infantil, como o desenvolvimento cognitivo, pedagógico e cultural. Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo entender como o professor da Educação Infantil utiliza os contos de fadas como prática pedagógica evidenciando a ludicidade na sala de aula. A pesquisa foi realizada na cidade de Lavras-MG, entre os meses de setembro e outubro de 2024 e contou com a participação de quatro professoras de Educação Infantil, todas com formação em Pedagogia e diferentes especializações. A análise das respostas de um questionário revelou que as docentes utilizam projetos literários e estratégias como rodízio de livros e hora do conto, destacando a importância do reconto e de atividades lúdicas para estimular a imaginação e a criatividade das crianças, além de reconhecerem desafios e concordaram que os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento das habilidades linguísticas e da compreensão de valores importantes. Todas as professoras afirmaram que o uso dos contos gera um impacto positivo na aprendizagem, facilitando um ambiente envolvente e eficaz e também indicaram que os contos proporcionam ludicidade, estimulando a expressão afetiva e a criatividade das crianças. Os resultados confirmam a relevância dos contos de fadas como ferramenta pedagógica e que os contos de fadas quando utilizados de forma consciente e planejada contribuem para a formação integral dos alunos na Educação Infantil, preparando-os para um futuro mais empático e criativo.

Palavras-chave: Contos de fadas. Ludicidade. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

"O era uma vez" convida as crianças a embarcar em uma fascinante viagem ao mundo da imaginação promovendo o desenvolvimento de habilidades essenciais para cada faixa etária. Ao longo da evolução da literatura infantil, surgiram caminhos que permitem aos educadores criar atividades fundamentadas nos livros, que se revelam como verdadeiros facilitadores desse processo. Os livros atuam como meios de transporte, conduzindo as crianças por diversos enredos repletos de histórias cativantes, lições valiosas e narrativas de amor.

Nesse contexto, a ludicidade emerge como uma ferramenta facilitadora, possibilitando ao professor estruturar atividades de forma envolvente e significativa. Ao planejar essas atividades é fundamental que os educadores considerem o contexto social, cognitivo e cultural das crianças, adaptando suas abordagens para atender às necessidades e características de seus alunos.

Assim, os livros tornam-se recursos que, por meio de projetos e atividades, favorecem o desenvolvimento emocional, cognitivo e reflexivo, estimulando a imaginação das crianças. Este artigo busca explorar como essa intersecção entre contos de fadas, ludicidade e práticas pedagógicas enriquece a experiência de aprendizagem na Educação Infantil.

O presente artigo tem como objetivo geral entender como o professor da Educação Infantil utiliza os contos de fadas como prática pedagógica, evidenciando a ludicidade na sala de aula. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Analisar o perfil e o papel do professor da Educação Infantil; Compreender a ludicidade como prática pedagógica na Educação Infantil; Investigar as contribuições da utilização dos contos de fadas para o processo de ensino e aprendizagem das crianças e; observar as técnicas e métodos utilizados para ensinar contos de fadas, bem como a utilização de recursos didáticos e materiais lúdicos. Esses objetivos visam proporcionar uma compreensão abrangente sobre a integração da literatura infantil nas práticas pedagógicas, destacando a importância da ludicidade no desenvolvimento das crianças.

A Educação Infantil é crucial para o desenvolvimento integral das crianças, formando habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Este artigo explora a utilização de contos de fadas como uma estratégia pedagógica que promove a ludicidade na sala de aula, evidenciando a importância desse gênero literário. As narrativas de contos de fadas oferecem oportunidades para o aprendizado lúdico, e a análise do perfil docente é fundamental, já que a percepção e aplicação da ludicidade pelos educadores impactam a experiência de aprendizagem das crianças. Compreender a ludicidade como prática pedagógica ajuda a facilitar a assimilação de conceitos e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Além disso, ao observar as técnicas, métodos e recursos didáticos utilizados pelos professores, o trabalho busca integrar a literatura infantil ao cotidiano escolar, contribuindo para a reflexão e formação continuada dos educadores e promovendo práticas pedagógicas mais ricas e significativas.

Trata-se de uma pesquisa básica voltada para o aprofundamento conhecimento científico. A pesquisa classifica-se também, como descritiva, de abordagem qualitativa, sustentada pela revisão bibliográfica caracterizada pelo tipo de revisão sistemática da literatura, com o levantamento de bibliografia já publicada como livros, revistas, publicações avulsas etc (Lakatos & Marconi, 2003).

Este trabalho apresenta no seu referencial teórico: O perfil e o papel do professor da Educação Infantil; A ludicidade como prática pedagógica na Educação Infantil; Os contos de fadas na Educação Infantil. Traz também, a metodologia utilizada, as análises e discussões e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O perfil e o papel do professor da Educação Infantil

A Educação Infantil é de fato uma fase crucial no desenvolvimento das crianças, onde se inicia formalmente o processo educativo fora do ambiente familiar. Durante a Educação Infantil, tópicos de assuntos distintos são apresentados às crianças pelo professor, sem desconsiderar

o contexto familiar e social da criança. Isso significa que o aprendizado na escola é uma extensão e complemento do que a criança já vivência em casa e na comunidade.

A escola não se limita apenas ao ensino de habilidades acadêmicas como ler e escrever, mas também é um ambiente para o desenvolvimento da individualidade e personalidade da criança. É um espaço onde ela começa a construir seus valores e características pessoais. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os direitos de aprendizagem e desenvolvimento:

Asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p. 37).

O educador na Educação Infantil desempenha um papel crucial. Ele não só ensina conteúdos, mas também precisa entender e lidar com a diversidade cultural da sociedade, além de fomentar uma interação dinâmica e envolvente entre as crianças, professor, currículo, ambiente escolar, família e comunidade. Conforme citado por Antunes (2006, p. 60), o professor da Educação Infantil deve ter o perfil descrito abaixo:

Que sejam desafiadores, inquietos, responsáveis e, sobretudo estudiosos para que se mantenham sempre ao lado dos avanços científicos da neurologia, pedagogia, psicologia e psicopedagogia e que saibam transpor essas conquistas para sua ação junto às crianças [...], jamais inculcando conhecimentos, mas intermediando a construção de conceitos e de significações [...]. Que seu olhar sobre o desenvolvimento humano não seja de apenas encanto e jamais de infantilização, mas de integral comprometimento com a profissão, com as conquistas da ciência e com o trabalho [...].

Considera-se que para uma boa dinâmica de funcionamento de uma rotina diária, o professor deve se portar como mediador de conflitos, necessitando lidar com diferentes fases emocionais e com os cuidados básicos de alimentação, higiene, pois na Educação Infantil, a

criança ainda está em processo de amadurecimento cognitivo e um novo ambiente poderá oferecer desafios estimulantes. Segundo Vygotsky (apud GODOY, 2009, p. 46),

Toda experiência de vida de um educador deve ser levada em conta, juntamente com os saberes adquiridos da formação inicial à continuada, tudo é indispensável para que haja uma atuação efetiva, mas é ao praticar, e no decorrer do dia a dia, na vivência profissional que novos profissionais vão se formando. Constituir-se professor e entrelaçar experiências às dificuldades encontradas pelo caminho, pelo tempo, que nos marca, que constitui a nossa história.

A Constituição Federal de 1988 trouxe avanços significativos no reconhecimento dos direitos da criança no Brasil. No que diz respeito à Educação Infantil, que compreende as creches (para crianças de 0 a 3 anos) e as pré-escolas (para crianças de 4 a 5 anos), foi estabelecido como direito da criança e dever do Estado o atendimento integral a essa faixa etária.

Esse reconhecimento legal foi fundamental para garantir não apenas o acesso, mas também a qualidade do atendimento às crianças pequenas, contribuindo para seu desenvolvimento integral, incluindo aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos, pois,

Inicialmente as políticas públicas educacionais, orientadas por uma economia capitalista e neoliberal, ampararam prioritariamente o Ensino Fundamental (EF) durante muitos anos, enquanto que as crianças pequenas ficaram desamparadas pelas Leis, fazendo parte apenas de programas assistencialistas e/ou de saúde, em que o atendimento era voltado aos cuidados básicos. Tais cuidados referiam-se aos zelos relacionados com higiene, alimentação, saúde, prevenção de doenças, comportamento e abrigo enquanto as mães trabalhavam, pois necessitavam desse espaço para deixar as crianças durante o horário em que se ausentavam (MELLO; SUDBRACK, 2019, p. 4).

Na década de 1990, tanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) trouxeram avanços significativos para as políticas voltadas à infância no Brasil. O Estatuto da Criança e do Adolescente, instituído pela Lei nº 8.069 de 1990, representou um marco ao estabelecer direitos fundamentais para

crianças e adolescentes, garantindo proteção integral e prioridade absoluta na efetivação desses direitos. O ECA reforçou a importância da vida, da cidadania e da escolarização adequada para todas as crianças, assegurando que elas fossem protegidas de todas as formas de violência, negligência, exploração e discriminação.

Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 1996, definiu a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, sendo voltada para o desenvolvimento integral das crianças de zero a seis anos. Essa fase educacional abrange aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando o papel da família e da comunidade na formação das crianças. Ainda, de acordo com a BNCC:

Embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos apenas com a Emenda Constitucional nº 59/200926, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. Essa extensão da obrigatoriedade é incluída na LDB em 2013, consagrando plenamente a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2018, p.36).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), estabelecidas em 2010, foram um marco significativo no campo educacional brasileiro. Esses documentos contribuíram para fundamentar as novas diretrizes curriculares, que buscavam não apenas atualizar, mas também ampliar e enriquecer as abordagens pedagógicas na Educação Infantil no Brasil. A iniciativa visava melhorar a qualidade educacional nessa etapa crucial do desenvolvimento infantil, proporcionando uma base sólida para as práticas pedagógicas cotidianas nas instituições de Educação Infantil em todo o país. Tendo como objetivo orientar e normatizar o currículo, as DCNEI têm:

A sua formulação é decorrente da LDB e é realizada pelo Conselho Nacional de Educação – CNE, destinando-se a todos os sistemas de ensino, ou seja, a todos os segmentos. Mesmo tendo autonomia, as escolas devem seguir as orientações das DCNs sendo coerentes com a sua proposta, não podendo contrariá-la (MELLO; SUDBRACK, 2019, p. 9).

As DCNEI representam um marco importante ao formalizarem a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica no Brasil, abrangendo crianças de zero a cinco anos de idade. Além disso, essas diretrizes estabelecem definições cruciais que visam tanto formalizar a concepção de Educação Infantil quanto orientar aspectos relacionados à criança, ao currículo, à avaliação e à proposta pedagógica das instituições que atuam nessa área.

Quanto à organização das DCNEI, elas estão centradas em dois eixos principais: "interações" e "brincadeiras". Esses eixos sustentam as orientações gerais sobre o trabalho a ser desenvolvido com as crianças no contexto da Educação Infantil. As interações referem-se à importância das relações estabelecidas entre as crianças, entre crianças e adultos, e entre adultos, reconhecendo que essas interações são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. Sendo assim,

a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (BRASIL 2010, p. 18).

Na BNCC, a etapa da Educação Infantil recebe um tratamento específico e crucial. A BNCC é um documento singular que unifica os princípios orientadores do trabalho educativo ao longo de toda a Educação Básica, incluindo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Isso significa que, pela primeira vez no Brasil, há uma estrutura curricular unificada e coerente que abrange todas as etapas da educação obrigatória.

No contexto da Educação Infantil, a BNCC define diretrizes claras e fundamentais para orientar o trabalho pedagógico nas creches e pré-escolas, orientando as práticas pedagógicas, que garantem consistência para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico das crianças.

Segundo a BNCC (2018), os campos de experiências são definidos como um arranjo curricular que visa integrar as situações e experiências concretas do cotidiano das crianças. Esses campos são estruturados de forma a proporcionar uma abordagem ampla e integradora do desenvolvimento infantil na Educação Infantil.

Os campos de experiências são áreas inter-relacionadas que permitem às crianças explorar, descobrir e construir conhecimentos de maneira integrada e significativa. Eles são fundamentais para a organização do currículo na Educação Infantil conforme preconizado pela BNCC, estimulando a criança e valorizando os saberes prévios das crianças.

Portanto, diante de todas essas informações, é essencial que o professor atue como o elo fundamental entre os campos de experiência, os conteúdos e a ludicidade, ou seja a atuação do professor é essencial para promover a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem, pois ele é o facilitador que transforma brincadeiras em oportunidades de aprendizado significativo.

2.2 A ludicidade como prática pedagógica na Educação Infantil

Ludicidade refere-se ao conjunto de características que envolvem jogos, brincadeiras, imaginação e criatividade. É um conceito que destaca a importância do elemento lúdico, especialmente no desenvolvimento infantil, mas também reconhecido como uma fonte de aprendizado e prazer em todas as idades. Segundo Kishimoto (1999).

“Lúdico” se refere a algo relacionado ao jogo, à brincadeira ou à diversão. O termo é frequentemente usado para descrever atividades que são divertidas e envolventes, muitas vezes com o objetivo de aprender ou desenvolver habilidades.

Os jogos são atividades estruturadas por regras que envolvem competição ou colaboração entre os participantes. Já as brincadeiras referem-se a atividades mais livres, não estruturadas por regras, onde a espontaneidade e a imaginação são valorizadas. A imaginação é a capacidade de criar imagens mentais, ideias ou conceitos que não estão presentes no

ambiente imediato. Santos et al (2021, p.5) citam Sommerhalder & Alves (2011) que reforçam essa ideia:

É importante o brincar, pois é uma atividade fundamental que as crianças precisam, nota-se que as crianças desde cedo já praticam de brincadeiras que podem ser de suma importância para o futuro, tais como: casinha, carro, bonecas, e algumas desde cedo já se espelham em algumas profissões que lhes chamam a atenção como: médico, veterinário, dentista, advogado, professor, dentre outros inúmeros tipos de fantasias do “faz de conta” tudo isso engloba um assunto maior, sobre o que essa criança vai ver na fase adulta, na sua realidade de vida futura, visando que muitas pessoas já crescem sabendo qual é a profissão do sonho.

É necessário que o professor e a sociedade reconheçam que o brincar serve como a ponte essencial que conecta a aprendizagem formal à exploração criativa e ao desenvolvimento integral das crianças.

De acordo com o Referencial Curricular (1998, p. 22),

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver capacidades importantes tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação.

A ludicidade é uma metodologia que exerce um papel fundamental na prática pedagógica da Educação Infantil, pois baseia-se no princípio de que a aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz, prazerosa e significativa quando as crianças estão envolvidas em atividades lúdicas. Sendo assim, o “Era Uma Vez, o faz de conta”, torna-se objeto facilitador para que o professor possa utilizar a metodologia ludicidade.

2.3 Os contos de fadas na Educação Infantil

A leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil e sua importância vai muito além do simples ato de decodificar palavras. A leitura ajuda as crianças a expandirem seu vocabulário e a desenvolverem habilidades linguísticas. Elas aprendem novas palavras, como usá-las e como formar frases, o que é essencial para a comunicação eficaz. Para Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989). A criança pensa, agindo concretamente sobre os objetos. Ela opera, pensa a realidade transformando-a, e cada vez mais este pensar vai deixando de se apoiar no concreto. A criança vai interiorizando, abstraindo suas ações sobre a realidade. (FREIRE, M, 1983, p.29).

É também por meio da leitura, que as crianças exercitam suas habilidades cognitivas, como a memória, a concentração e a capacidade de resolver problemas. Elas são expostas a diferentes conceitos e ideias, o que estimula o pensamento crítico e a criatividade.

Os livros infantis frequentemente apresentam histórias e mundos imaginários que incentivam a criatividade. Por meio da leitura de imagens as crianças são levadas a visualizar cenários, personagens e situações, o que estimula sua imaginação. De acordo com Camargo & Silva (2020) a Literatura Infantil possibilita às crianças novas experiências com a linguagem e com os sentidos, ou seja, proporciona um melhor desenvolvimento linguístico, cognitivo, emocional e sociocultural.

Na Educação Infantil a exposição precoce a livros e histórias, ajuda a estruturar uma base sólida para o desenvolvimento da alfabetização. As crianças se familiarizam com a estrutura dos textos e o conceito de que a leitura é uma fonte de informação e entretenimento. Ao discutir histórias e personagens, as crianças aprendem sobre diferentes perspectivas e criam novas ideias e pensamentos. Isso ajuda no desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação social.

Os contos de fadas têm suas origens em raízes folclóricas, em tradições orais que remontam a épocas antigas. São aquelas histórias transmitidas de geração para geração e refletiam as crenças, medos e valores das comunidades que as contavam. Os contos de fadas têm uma

longa e fascinante história. A autora Rezende (2019, p.22), relata que: “A literatura permite que cada criança faça descobertas sobre o mundo, guardando em sua memória as melhores imagens para serem utilizadas em experiências futuras. Cada experiência literária permite romper limites e criar sua própria bagagem de experiência”.

De acordo com Perez (2024), no século XIX, com o surgimento do romantismo e do interesse em preservar características folclóricas, inicia-se uma movimentação para que os contos de fadas comecem a ser coletados e publicados. Dois dos mais famosos coletores foram os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, que reuniram e publicaram uma coleção de contos alemães em 1812. Além dos Irmãos Grimm, outros autores e coletores importantes contribuíram para a popularização dos contos de fadas. Charles Perrault, na França, publicou "Histórias ou Contos de Fadas com Moral" em 1697, que incluía histórias como “Cinderela” e “Chapeuzinho Vermelho”, de acordo com a autora PEREZ, Luana Castro Alves. “História dos contos de fadas”; Brasil Escola.

De acordo com Falconi (apud FARAGO, 2015, p.93), em uma época em que o trabalho nos campos, a violência, a fome e as doenças enrijeciam a vida cotidiana, ouvir histórias onde os heróis enfrentavam obstáculos e dificuldades para, finalmente, alcançarem o seu final feliz, trazia conforto e contribuía para a expressão de sentimentos.

Já é amplamente conhecido que a utilização de contos de fadas no processo de ensino e aprendizagem das crianças oferece uma série de contribuições, principalmente na Educação Infantil, ajudando a desenvolver diversas habilidades e competências, que precisam ser asseguradas na etapa conhecida como “primeira infância”.

Hoje em dia já não se discute a importância do desenvolvimento na primeira infância, especialmente entre os zero e os três anos de idade, pois sabe-se que é na infância que se lançam “as bases do desenvolvimento nos seus diversos aspectos físicos, motores, sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, comunicacionais, etc.” (PORTUGAL, 2009, p.7).

A leitura de contos de fadas introduz crianças a novas palavras e expressões, ampliando seu vocabulário e melhorando suas habilidades linguísticas. Através de histórias envolventes, as crianças praticam a compreensão de leitura, aprendendo a seguir enredos e entender o significado das palavras no contexto. Bettelheim (2021, p. 175) ressalta que

as fantasias correspondem a recursos naturais necessários à construção da nossa personalidade, de modo que a privação dessa experiência limita a vida humana ao comprometer o desenvolvimento de habilidades necessárias à superação das adversidades, sendo o período da infância a época em que mais necessita ser alimentada.

O mundo fantasioso dos contos de fadas frequentemente apresenta mundos mágicos e fantásticos que incentivam as crianças a usar sua imaginação e criatividade, uma vez que as histórias geralmente apresentam desafios e problemas que os personagens precisam superar, ajudando as crianças a pensar sobre soluções e estratégias. Conforme Ferreira (2007) toda criança gosta de ouvir história, associando a realidade à fantasia e geralmente se identificando com algum personagem.

Contos de fadas com enredos repetitivos e estruturas familiares ajudam as crianças a melhorar sua memória e atenção, pois as crianças podem se identificar com os personagens e suas experiências, o que pode ajudar a compreender e expressar suas próprias emoções, e absorver lições sobre bondade, coragem, justiça e perseverança, ajudando as crianças a internalizar valores importantes, pois,

As histórias infantis tendem a transmitir uma mensagem positiva, apresentando o valor das virtudes, dando conselhos ou ensinando regras de boa conduta. Essa habilidade permite entender que Chapeuzinho Vermelho não deveria conversar com estranhos; que Cachinhos Dourados não deveria entrar na casa dos outros sem ser convidada; e que Pedro não deveria mentir sobre o lobo (BRASIL, 2020, p. 20).

Dentro do ambiente escolar e das atividades realizadas ali, o professor é quem vai estimular a imaginação e a criatividade da criança por meio da leitura e também utilizar os contos de fadas, como base para atividades criativas. Os contos de fadas também podem ser explorados por meio de projetos, com atividades de cunho artístico, explorando elementos descritos nas narrativas ou através de ilustrações criativas. O professor deve equilibrar o uso desses materiais com outros conteúdos e atividades.

Segundo Zilberman (2003, p. 49), o recurso em questão é responsável por preencher as lacunas de compreensão apresentadas pelas crianças – advindas do seu desconhecimento do real –, auxiliando na ordenação das suas experiências, geralmente apresentadas pelos livros.

É preciso que o professor esteja atento ao realizar a seleção dos contos garante que os contos não perpetuem estereótipos ou preconceitos, por questões raciais, culturais e de gênero. É importante realizar também a seleção de acordo com a faixa etária, pois alguns contos podem ser complexos ou difíceis de entender para crianças mais novas.

A avaliação do impacto do uso dos contos de fadas no desenvolvimento dos alunos pode ser desafiadora, pois pode ser mais subjetivo em comparação com outras abordagens educacionais.

MÉTODO DA PESQUISA

Este trabalho teve como objetivo entender como o professor da Educação Infantil utiliza os contos de fadas como prática pedagógica evidenciando a ludicidade na sala de aula.

Trata-se de uma pesquisa básica Appolinário (2011) voltada para o aprofundamento conhecimento científico. A pesquisa classifica-se também, como descritiva, pois tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 1991, p. 46).

A abordagem qualitativa na pesquisa sustenta os participantes tendem a externar suas percepções (YIN, (2016). Sustentada pela revisão bibliográfica caracterizada pelo tipo de

revisão sistemática da literatura, com o levantamento de bibliografia já publicada como livros, revistas, publicações avulsas etc (Lakatos & Marconi, 2003).

A coleta de dados foi realizada na cidade de Lavras-MG, durante o mês de setembro do ano de 2024 e teve como critério de seleção, professoras que trabalham na Educação Infantil. O convite foi feito utilizando-se mensagens via whats app.

Após aceitação do convite, a pesquisadora encaminhou às professoras um formulário online, produzido na plataforma Google Forms. O endereço para acesso ao questionário também foi enviado pelo whats app. Quatro professoras responderam a pesquisa.

Com relação à estrutura do questionário, cada professora respondeu a seis perguntas, sendo cinco perguntas de resolução discursiva simples e uma pergunta de múltipla escolha simples. O formulário foi dividido em duas partes: a primeira parte abordou assuntos relacionados à formação das professoras e a segunda, com perguntas específicas sobre a pesquisa.

Para preservar a identidade das professoras que colaboraram com a pesquisa, optou-se por identificá-las por Professora A, Professora B, Professora C e Professora D. Os resultados, por meio das respostas, serão analisados e discutidos utilizando-se as comparações dos resultados e a revisão da literatura.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisar as respostas do questionário, constatou-se que as quatro professoras possuem formação em Pedagogia, sendo que a Professora C possui outro curso de graduação. Com relação à cursos de pós-graduação, três professoras responderam, respectivamente, possuir formação em Psicopedagogia Institucional, Educação Infantil e Neurodesenvolvimento e, Educação Especial e Supervisão.

Com relação ao tempo de trabalho na educação, duas professoras C e D possuem 11 anos de experiência, a professora A possui 16 anos e a professora B possui 5 anos. Especificamente na Educação Infantil, a professora A trabalha há 16 anos, as professoras B e C há 5 anos e professora D há 11 anos.

Ao responder a primeira pergunta “De que maneira os contos de fadas são integrados ao planejamento pedagógico? Quais os critérios de seleção mais comuns que você utiliza? (fazem parte de uma abordagem temática específica – ex.: projeto literário ou são usados de forma pontual – atividades aleatórias)?” As professoras responderam unanimemente que utilizam o projeto literário, além da proposta de rodízio de livros e hora do conto. A professora B relata que “os contos de fadas são integrados ao planejamento em atividades que trabalham a imaginação da criança. Normalmente, as atividades que mais usufruem dos contos de fadas são as de projeto literário e atividades de compreensão de valores.” Zilberman (2003) reforça a necessidade de preencher lacunas de compreensão apresentadas pelas crianças utilizando-se como recurso projetos literários.

O segundo questionamento feito às professoras foi: “De que forma você utiliza os contos de fadas como base para estimular a imaginação e a criatividade das crianças em suas atividades escolares e quais estratégias você emprega para transformar a leitura desses contos em oportunidades para atividades criativas e expressivas?”

A professora A respondeu que utiliza os contos de forma lúdica, pois despertam a fantasia. Todas as professoras deixaram registrado que o reconto é uma estratégia importante. Já a professora B argumenta que:

Utilizo os contos de fadas como base para estimular a imaginação e criatividade através de algumas estratégias. Uma das estratégias é o reconto, onde as crianças recontam a história do seu modo, assim elas usam fatos da história envoltos a conteúdos da própria imaginação. Outra estratégia é a história partilhada, onde sentamos em roda e eu começo a história com uma frase e as crianças vão usando a imaginação e tudo que conhecem sobre contos de fadas para criarmos a nossa própria história. Outra estratégia é quando proponho para que elas recontem parte da história sendo o próprio personagem, essa atividade acaba sendo bem divertida e expressiva.

O terceiro questionamento direcionado às professoras foi: “Quais são os desafios enfrentados pelos professores ao usar contos de fadas como ferramenta pedagógica”?

A professora A destaca que alguns elementos dos enredos precisam ser amenizados para que possam ser adequadamente apresentados às crianças. Por outro lado, a professora C acredita que não há desafios significativos nessa prática. A professora D menciona que as telas se tornaram um adversário dos contos, competindo pela atenção dos alunos. A professora B acrescenta:

"Acredito que um dos desafios reside nos diversos interesses das crianças. Nem todos se conectam com os mesmos contos, por isso, muitas vezes opto pelos clássicos, que são, em sua maioria, bem recebidos."

Ferreira (2007) corrobora nessa perspectiva afirmando que toda criança gosta de ouvir histórias, associando a realidade à fantasia e frequentemente se identificando com algum personagem.

O quarto questionamento: "A leitura de contos de fadas na sala de aula contribui para a ampliação do vocabulário das crianças e para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, incluindo a compreensão de leitura e a interpretação de palavras no contexto das histórias? Você poderia citar um exemplo?"

As professoras A, B e D discursaram como os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento das habilidades linguísticas das crianças. Camargo & Silva (2020) defende que a Literatura Infantil possibilita às crianças novas experiências com a linguagem e com os sentidos, ou seja, proporciona um melhor desenvolvimento linguístico, cognitivo, emocional e sociocultural.

Além disso, as professoras A e B destacaram as lições que esses enredos oferecem, permitindo que as crianças aprendam sobre valores importantes. A professora A argumenta que:

"Sim, os contos de fadas contribuem significativamente, enfatizando valores como obediência, respeito às diferenças e a valorização do amor fraternal."

Segundo BRASIL (2020, p. 20), Guia de literacia familiar, disponibilizado às famílias pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), as histórias infantis costumam transmitir mensagens positivas, ressaltando a importância das virtudes, oferecendo conselhos e ensinando regras de boa conduta.

O quinto questionamento: “Como você avalia o impacto do uso de contos de fadas, como o “Era Uma Vez”, o “Faz de Conta” no engajamento e na aprendizagem das crianças? (leve em consideração o envolvimento e a aprendizagem das crianças)”, buscava explorar a avaliação das professoras por meio de alternativas de classificação, e as professoras A, B, C e D responderam que o impacto do uso de contos de fadas é “Muito Positivo: Os contos de fadas aumentam significativamente o engajamento das crianças e facilitam a aprendizagem de forma envolvente e eficaz”.

As professoras A, B, C e D responderam unanimemente que o impacto é muito positivo: Os contos de fadas aumentam significativamente o engajamento das crianças e facilitam a aprendizagem de forma envolvente e eficaz. O que vai ao encontro do que diz o autor Rezende (2019, p.22): “A literatura permite que cada criança faça descobertas sobre o mundo, guardando em sua memória as melhores imagens para serem utilizadas em experiências futuras. Cada experiência literária permite romper limites e criar sua própria bagagem de experiência”.

A sexta pergunta foi: “De que forma o uso de contos de fadas, como ‘Era Uma Vez’ e ‘Faz de Conta’, contribui para a aplicação da ludicidade como metodologia na Educação Infantil?” As professoras A, B e D enfatizam o estímulo à imaginação, enquanto as professoras A e B também destacam, também, o desenvolvimento afetivo das crianças.

De acordo com Falconi (apud FARAGO, 2015, p. 93), em uma época marcada por desafios como trabalho árduo, violência, fome e doenças, ouvir histórias nas quais heróis enfrentam obstáculos e, eventualmente, alcançam um final feliz trazia conforto e favorecia a expressão de sentimentos. Essa conexão emocional é fundamental para a formação de laços afetivos e para o desenvolvimento integral das crianças.

A sétima e última pergunta foi: “É possível extrair ludicidade dos contos de fadas”? Todas as professoras concordaram que sim. A professora B acrescentou que:

"Sim. Os contos proporcionam brincadeiras criativas e divertidas, como o faz de conta, atividades artísticas, interpretação de personagens e o reconto das histórias."

Segundo o Referencial Curricular (1998, p. 22), brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade. A capacidade da criança de se comunicar por meio de gestos e sons estimula sua imaginação. Por meio das brincadeiras, as crianças desenvolvem habilidades essenciais, como atenção, imitação, memória e criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo entender como o professor da Educação Infantil utiliza os contos de fadas como prática pedagógica evidenciando a ludicidade na sala de aula.

Os dados coletados demonstram que as professoras, com diferentes níveis de experiência e formação, reconhecem a eficácia dos contos de fadas em suas práticas pedagógicas. Foi possível avaliar a importância da utilização dos contos de fadas como uma prática pedagógica fundamental na Educação Infantil. As análises revelaram que, além de estimular a imaginação e a criatividade das crianças, esses contos desempenham um papel crucial no desenvolvimento linguístico e na formação de valores essenciais, como respeito e empatia.

A aplicação de estratégias como o reconto e a história partilhada não apenas enriquece a experiência de aprendizado, mas também promove um ambiente lúdico e acolhedor, onde as crianças se sentem à vontade para explorar e expressar suas emoções. Portanto, os contos de fadas, quando utilizados de forma consciente e planejada, não são apenas instrumentos de ensino, mas sim ferramentas valiosas que contribuem para a formação integral dos alunos na Educação Infantil, preparando-os para um futuro mais empático e criativo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Educação infantil: prioridade imprescindível*. Petrópolis: Vozes, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Maria Aparecida Santana; SILVA, Mari Jaqueline Pinto. A literatura infantil como um recurso pedagógico indispensável. *Revista ESPACIOS*, v. 41, n. 09, 2020.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. Contos de fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, v. 2, n. 1, p. 5-111, 2015.

FERREIRA, Laís Costa; OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. A contação de histórias como prática educativa. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 66-75, maio-agosto de 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/66/pdf>.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GODOY, Anterita Cristina de Souza (Org.). *Fundamentos do trabalho pedagógico*. Campinas-SP: Editora Alínea, 2009.

KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo e a educação*. São Paulo: Cortez, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, Ana Paula Barbieri de; SUDBRACK, Edite Maria. Caminhos da educação infantil. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 5, p. 1-21, 3 fev. 2019.

PEREZ, Luana Castro Alves. História dos contos de fadas. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>. Acesso em: 09 set. 2024.

PORTUGAL, Gabriela. Desenvolvimento e aprendizagem na infância. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Org.). *Relatório do estudo – A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.

REZENDE, Vânia Maria. Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: Sariva. In: OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *Múltiplas Linguagens: Literatura Infantil*, p. 15. Cuiabá: EdU-FMT, 2019.

SOMMERHALDER, A.; ALVES, F. D. Jogo e educação da infância: muito prazer em aprender. *CRV*, 2011.

YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Global, 2003. 235 p.